

Um cotejamento da obra literária *Capitães da Areia*: uma história sobre pobreza, miséria e meninos de rua

A reading of *Captains of the Sands*: a story on poverty, misery and street children

MÁRCIA COSSETIN¹

IVETE JANICE DE OLIVEIRA BROTTTO²

RESUMO: Neste artigo o objetivo é demonstrarmos a articulação existente entre uma obra literária e o contexto social de sua produção, além de apresentarmos a atualidade da temática mesmo após terem se passado setenta e oito anos da publicação do romance escolhido, qual seja: a obra literária *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Fundamentamos teoricamente, para a análise, em Mikhail M. Bakhtin, por entender a linguagem como uma construção em que se expressam sentidos e valores, organizados nos/pelos próprios eventos humanos. Oferecemos aqui um exemplo de como é possível ler uma crítica à organização social, já que os fatos constantemente remetem à realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; discurso; Organização Social.

ABSTRACT: The aim of this article is to demonstrate the existing link between a literary work and the social context of its production, and to present the relevance of the theme after seventy-eight years of the publication of the novel *Captains of the Sands* by Jorge Amado. Our analysis is theoretically based on Mikhail Bakhtin, who understands language as a construct in which meanings and values are expressed, always organized in/by human

1. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.

2. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, PR, Brasil.

events. We offer in this paper an example of reading a critique to social organization, since the facts constantly refer to reality.

KEYWORDS: Literature; speech; Social Organization.

INTRODUÇÃO

No presente artigo demonstramos a articulação existente entre uma obra literária e o contexto social de sua produção, além de apresentar a atualidade da temática, mesmo após terem se passado setenta e oito anos da publicação do romance escolhido. Tratamos especificamente do romance de Jorge Amado intitulado *Capitães da Areia*, publicado em 1937.

Vislumbramos na leitura dessa obra de Jorge Amado enunciados reveladores de sentidos que apontam para o contexto social em que a obra foi produzida, para os significados sociais presentes no desenrolar da trama proposta pelo autor, que se utiliza dos fatos da vida cotidiana de meninos de rua, seus personagens, para evidenciar sua crítica à sociedade do período.

A obra literária apresenta a possibilidade de apreensão da realidade social. O romance *Capitães da Areia*, inquieta-nos, provoca-nos um repensar do discurso ali materializado, incita-nos a buscar suas semelhanças e convergências com aspectos da vida real, a aceitação ou contestação das condições sociais estabelecidas, a permanência e a reprodução desse contexto na atualidade.

Nessa perspectiva, a construção do texto literário possibilita apreender a produção de sentidos colocada pelo autor, sujeito social de um determinado tempo e lugar, na trama romanesca, nos personagens historicamente situados e constituídos, por meio da linguagem utilizada.

É a concepção de linguagem bakhtiniana e de seu Círculo³ que fundamenta a análise que apresentamos, visto que Bakhtin e Volochinov (2004) concebem a linguagem como dialógica, que sempre pressupõe um alguém que se dirige a outro alguém, uma construção em que se expressam sentidos e valores, organizados nos/pelos eventos humanos, portanto, sociais e históricos. Isso significa dizer que qualquer enunciado - e o romance é um tipo de enunciado - em qualquer em

3. Trata-se de um grupo de estudiosos que se reunia para discutir temas sobre literatura, linguística, artes, a linguagem, em geral, no início do século passado. Os principais seguidores de Bakhtin foram Mediedev e Volochínov, ambos desaparecidos na década de 1930, portanto, muito antes da morte de Bakhtin, na década de 1970.

qualquer gênero do discurso, realiza-se como resposta a outros enunciados que o precederam, em um processo ininterrupto de interlocução, oral ou escrita, presente ou virtual. Assim, o discurso presente na referida obra de Jorge Amado é compreendido como produto firmado no emaranhado da interação social, na materialidade de pretensões consolidadas por este e neste discurso, no diálogo com o contexto em que se produz.

A linguagem é construção discursiva, e a palavra, conforme Bakhtin, indica as transformações sociais, mesmo aquelas que “despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados” (BAKHTIN, 1981, p. 40).

Nesse sentido, a opção pela base teórica produzida por Bakhtin e seu Círculo justifica-se, por possibilitar a análise dos determinantes sociais/políticos/ideológicos/econômicos que a interlocução encerra e que a palavra posta no discurso romanesco em tela expressa. Na interlocução, na dialogia presente na obra, podemos perceber os vínculos entre os enunciados, concebidos como signos e, como tais, ideológicos e plásticos e, logo, capazes de atender às mais variadas necessidades de cada esfera social da atividade humana.

É com essa compreensão que analisaremos a produção de sentidos que a linguagem romanesca de Jorge Amado pode evidenciar, com base no contexto de produção da sua obra literária *Capitães da Areia*.

A TESSITURA DOS FATOS COTIDIANOS APRESENTADOS NA OBRA CAPITÃES DA AREIA E O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DE SUA PRODUÇÃO

Capitães da Areia foi escrito em 1937, ano em que se instaurou no Brasil o chamado Estado Novo, sob o comando de Getúlio Vargas, que, aliado a lideranças políticas do período, permaneceu no governo até 1945.

A luta contra o comunismo era uma das bandeiras dos que apoiavam o Estado Novo, regime que restringia sobremaneira a liberdade política e de expressão.

No governo do período, Getúlio Vargas proibiu diversas publicações, apreendeu e queimou livros. Dentre os escritores que tiveram suas publicações proibidas estava Jorge Amado, que teve diversos exemplares de *Capitães da Areia* queimados no ano de sua publicação, 1937.

Conforme aponta Pontes (2009, p. 153), Jorge Amado era tido como ferrenho opositor ao

[...] fascismo e a Vargas, vivenciou essas desavenças durante os anos 30 e 40. Nesse contexto, o engajamento de Amado não era um fato genuinamente brasileiro. Está ligado à efervescência do período entre guerras, à ascensão e polarização entre os movimentos comunista e fascista, que fascinava uma geração de escritores que queriam opinar sobre suas posições.

Nesse sentido, o período foi marcado pela agitação movida por intelectuais no Brasil, dentre os quais Jorge Amado, que era um dos principais expoentes no meio literário⁴.

Assim como Pontes (2009), Duarte (2009) entende que Jorge Amado pode ser considerado um ícone desse período, já que fazia parte de um restrito grupo de escritores comprometidos com a reflexão, ação e expressão da história do seu tempo.

O envolvimento de Jorge Amado com a política pode ser comprovado não somente por seus escritos, mas também pela filiação ao Partido Comunista Brasileiro, que culminou com sua eleição como deputado federal em 1946. Ao ser eleito, o que lhe angariou reconhecimento e popularidade, compôs a Assembleia Nacional Constituinte, encarregada de redemocratizar o país após o fim da ditadura de Getúlio Vargas. Nas palavras de Duarte, “a vitória eleitoral comprova sua condição de romancista de grande prestígio popular” (DUARTE, 2009, p. 227).

Conforme indica o mesmo autor, Jorge Amado soube se apropriar da literatura, dando-lhe finalidade explicitamente política. Afirmação essa que compreendemos evidenciar-se em *Capitães da Areia*.

Ao abordar a política e outros temas do cotidiano, Jorge Amado, sem dúvida revela modos de pensar, agir e sentir da população brasileira, tanto do segmento mais empobrecido, quanto dos que representavam a classe economicamente dominante.

4. Pontes (2009) esclarece que as políticas determinadas pelo Partido Russo vão ter seus reflexos nos meios literários internacionais, inclusive no Brasil. Evidencia, ainda, dois marcos políticos relevantes da centralização literária existente no movimento comunista: “[...] a criação da União dos Escritores Soviéticos da URSS em 1932, por decreto do Comitê Central do Partido Russo, e a realização do I Congresso dos Escritores Soviéticos, em 1934, momento em que se instaurou a política do realismo socialista para as artes e literatura. Ambos os fatos contribuíram para a centralização dos organismos partidários frente à produção cultural ocorrida dentro e fora da Rússia” (PONTES, 2009, p. 154).

Em *Capitães da Areia*, o enredo apresenta o ambiente político, econômico, ideológico, enfim, social, de então. Isso tudo demonstrado na história de um grupo de meninos que vivem nas ruas do estado da Bahia, cidade de Salvador, e que têm como ponto de encontro e morada um trapiche, cenário que, ao mesmo tempo em que retrata um contexto de pobreza e de criminalidade, é expressão de busca por liberdade.

Os meninos do trapiche são os personagens principais da história contada no livro de Jorge Amado. Eram meninos de todas as cores e idades, “desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam no assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava”, no velho trapiche abandonado tendo como companhia os ratos (AMADO, 2009, p. 26).

No entanto, o discurso posto no texto revela que os meninos não eram alvo de nenhum tipo de comoção social pela situação de miséria, pobreza e abandono a que estavam expostos, nem eram reconhecidos como crianças. O que lhes dava visibilidade era sua atuação na criminalidade, os roubos, furtos e assaltos praticados pelo grupo, pela raiva que despertavam ao fugir e enganar a polícia.

O romance retrata, ao abordar esses aspectos que põem os meninos em evidência, um embate de forças, de disputa. Mais ainda, revela um discurso que expressa embate de posições. E quanto a isso o que Fiorin (1988) afirma é inteiramente pertinente: “os conflitos e acordos são sociais. Só se pode, pois, falar em contrato e polêmica entre textos e discursos, porque expressam conflitos e acordos existentes na realidade social” (FIORIN, 1988, p. 48).

Nesse sentido, interessante é destacar certa passagem que ratifica o que estamos apontando, em que a personagem de uma senhora rica e considerada caridosa para com os pobres da sociedade de Salvador se encontra com o personagem do padre José Pedro, amigo e protetor dos Capitães da Areia e o insulta por estar em companhia dos meninos, verbalizando que “Isso não são crianças, são ladrões. Velhacos, ladrões” (AMADO, 2009, p. 79).

Essa visão sobre as crianças pobres evidencia o que expõe Faleiros (2011), ao afirmar que o Brasil, historicamente, construiu uma nítida diferenciação entre as políticas que se destinavam aos filhos da classe dominante e as destinadas às crianças e adolescentes pobres. A infância era atendida pela família e recebia a educação escolar; já os segundos, denominados “menores”, a quem se destinavam as leis,

ficavam sob os cuidados do Estado: para estes, a educação visava somente à instrumentalização para o trabalho.

Essa caracterização é apontada também nos estudos de Marcílio (1989), ao observar que

A distinção entre criança rica e a criança pobre ficou bem delineada. A primeira é alvo de atenções e das políticas da família e da educação, com o objetivo de prepará-la para dirigir a sociedade. A segunda, virtualmente inserida nas ‘classes perigosas’ e estigmatizada como ‘menor’, deveria ser objeto de controle especial, de educação elementar e profissionalizante, que a preparasse para o mundo do trabalho. Disso cuidaram com atenção os médicos higienistas e os juristas das primeiras décadas deste século (MARCÍLIO, 1989, p. 224).

Em consonância com tal caracterização, conforme Rizzini (2011), está a elaboração do Código de Menores de 1927, por meio do decreto nº 17.943-A, de 12 de outubro, que manteve inalteradas as determinações dos sujeitos a quem se destinava a nova lei: às crianças e aos adolescentes pobres. Numa analogia, podemos afirmar que, como denuncia Amado, os Capitães da Areia, verdadeiramente, “na sua vida de miséria e de aventura, nunca tinham sido perfeitamente crianças (AMADO, 2009, p. 236)”, ou, diríamos, não faziam parte da categoria “infância”.

O tratamento dispensado ao público infanto-juvenil pobre é demonstrado por Jorge Amado, ao enunciar o medo dos Capitães da Areia de serem mandados para os chamados reformatórios, que se destinavam a “reeducar”, “reformatar” as crianças e adolescentes que, de alguma forma, não se enquadravam no que se considerava adequado para a infância.

Amado, por meio do personagem Pedro Bala, denuncia o atendimento dado às crianças e jovens no reformatório. Esse personagem passa por um período de confinamento no reformatório, onde é vítima de todo tipo de agressões (físicas, psicológicas), mantido isolado em um cubículo escuro, onde, sem alimentação, sem água e sem contato com outras pessoas, tem apenas a companhia de ratos.

Após a sua reclusão no cubículo, Pedro Bala é levado para participar das atividades ditas “educativas”, que se resumem ao trabalho forçado em um canal, de onde consegue fugir com a ajuda dos companheiros Capitães da Areia.

Desse fato podemos compreender, de acordo com o que afirma Oliveira (1999), que, na década de 1920, concretizam-se ações que demarcam a mudança da repressão

para a segregação de crianças e adolescentes que cometiam infrações, na medida em que o Estado afasta as crianças e os adolescentes, por meio da internação, dos locais considerados inadequados, como por exemplo as ruas da cidade. Procurava-se retirar do convívio social adolescentes e crianças para que fossem submetidas

[...] às medidas preventivas e corretivas, que estariam a cargo de instituições públicas. O Código de Menores Mello Matos, de 1927, consolida legalmente esta prática de prevenção ligada ao ideário de periculosidade (OLIVEIRA, 1999, s/p).

Nesse sentido, o Estado passa a exercer maior controle sobre a população infanto-juvenil e sobre a vida das famílias pobres de modo geral. Além disso, busca maior organização e regulação da vida em sociedade, amparando-se, para isso, na legislação e na ciência médica.

O Código de Menores do Brasil⁵, que foi chamado Código Mello Mattos⁶, seguia a lógica de intervenção originada pelas situações de pobreza a que estavam expostos os abandonados e os denominados de delinquentes. Não previa a instituição de direitos, mas apresentava como base uma orientação preventiva e repressora que visava à punição dos não ajustados ao processo de desenvolvimento empreendido pelo país (MIRANDA, 2008).

Sobre isso, Rizzini (2011) sublinha que o Código veio dar sustentação ao objetivo de manutenção da ordem, na perspectiva de que, “ao zelar pela infância abandonada e criminosa, prometia extirpar o mal pela raiz, livrando a nação de elementos vadios, desordeiros, que em nada contribuíssem para o progresso do país” (RIZZINI, 2011, p. 139). Associavam-se justiça e assistência, na promessa de atuar no processo de construção da sociedade brasileira civilizada, em direção à consolidação do desenvolvimento nacional.

Jorge Amado consegue apresentar a materialidade dessa realidade com exatidão. No enredo de *Capitães da Areia*, ele mostra como as diversas instituições se coadunavam com o objetivo de manter a ordem social. Dizendo de outro modo, a igreja, representada na obra pelo bispo de Salvador (com exceção do padre José

5. Por meio desta lei se institui também, artigo 146, o Juizado de Menores: “É creado no Districto Federal um Juizo de Menores, para assistencia, protecção, defesa, processo e julgamento dos menores abandonados e delinquentes, que tenham menos de 18 annos” (BRASIL, 1927, s/p).

6. Este Código continha 231 artigos e foi assim chamado para homenagear o seu autor, o jurista José Cândido de Albuquerque Mello Mattos, primeiro juiz de menores do país (MIRANDA, 2008).

Pedro), não queria contato com os meninos considerados bandidos, pois recebia doações e era mantida pela classe social atingida pela ação dessas crianças; a polícia vinha para reprimir e segregar nos reformatórios; a mídia desempenhava o papel de cobrar das autoridades providência com relação à proteção das “pessoas de bem” em face das ações praticadas pelos Capitães da Areia, sem questionar a realidade social que as produzia.

Atesta o que dissemos parte de uma das reportagens constantes na obra, cujo título era: “Crianças Ladronas”, em que um jornal de Salvador (“Jornal da Tarde”) cobrava providências quanto à atuação dos Capitães da Areia. Ei-la:

Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminososa dos Capitães da Areia, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe. Essas crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime [...]. O que se faz necessário é uma providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos institutos de reforma de crianças ou as prisões. Urge uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias (AMADO, 2009, p. 09-11).

Podemos inferir que “essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos” (BAKHTIN, 2011, p. 295). Conforme aponta Guedes-Pinto (2011), podemos adentrar nos sentidos das produções de determinados sujeitos, pois a enunciação acontece em condições reais e está

[...] ligada/conectada à situação de sua produção [e] tem relação com o fato de ela ser produto da interação de [...] indivíduos esses que podem ser tomados pelo papel de pessoas de carne e osso, mas que podem também remeter a instituições sociais, a pessoas jurídicas, por exemplo, mesmo que não estejam colocados face a face. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade (GUEDES-PINTO, 2011, p. 29).

Como explica a autora, a palavra constitui-se como uma indicadora dos sentidos da produção escrita; ela carrega em si as marcas de sua produção, das intencionalidades aí presentes em âmbito mais restrito e no público social mais amplo em que foi construída. É com essa compreensão que analisamos os discursos.

Ao burlar as regras sociais, os Capitães da Areia sobreviviam de acordo com as regras estabelecidas pelo próprio grupo, as quais deviam ser respeitadas por todos, mesmo que essas nunca tivessem “sido escritas, mas existiam na consciência de cada um deles” (AMADO, 2009, p. 111).

O líder dos Capitães da Areia, chamado Pedro Bala (filho de mãe desconhecida e de pai atuante e morto durante um movimento de greve quando Pedro era ainda criança), foi eleito pelo grupo, não por votação, mas porque conquistou o respeito dos demais. Pedro Bala era, nas palavras de Amado (2009), “ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe” (AMADO, *op. cit.*, p. 27).

O escritor inclui na tessitura da obra o trabalho precarizado representado por meio dos movimentos grevistas de trabalhadores das docas da Bahia. Dentre os personagens que demonstram a luta dos trabalhadores participando e organizando greves estão o pai de Pedro Bala, chamado de Loiro, que, conforme apontamos acima, foi morto durante um movimento de greve, e João de Adão, líder dos doqueiros.

É nesse espaço de contestação, de greves e movimentos que buscam por mudanças, que Pedro Bala encontra, ao final da trama, seu lugar na organização social. Ele vai unir-se aos doqueiros, grevistas e até mesmo a movimentos organizados por estudantes. Pedro Bala não irá estudar, mas se sente companheiro daqueles que procuram transformação da realidade social, superação da miséria, da pobreza, da desigualdade.

CONCLUSÃO

Como elemento constituído no processo de interação social, o enunciado reflete e refrata a realidade social e, em um movimento dialético, pode provocar mudanças no interior do processo.

Entendemos que a linguagem e as formas de enunciação precisam ser consideradas para que possamos compreender os sentidos mais profundos que procuram expressar, pois concebemos os discursos apreendendo-os em seu processo de construção social, forjados e constituídos na totalidade dessa organização.

Desse modo, da análise empreendida evidencia-se a relação e a articulação entre a construção discursiva do enredo do romance de Jorge Amado e o âmbito social, expresso nas reflexões do autor sobre o momento político, o comunismo evidenciado na organização dos meninos no trapiche onde vivem, o trabalho precarizado, as greves, a submissão imposta pela privação de liberdade nos denominados reformatórios. Enfim, pelo expediente da cultura literária, pela forma composicional do romance, o autor manifesta, sobretudo, sua crítica à própria organização social.

Podemos assinalar, ainda, conforme aponta Milton Hatoum no posfácio da décima sétima edição do livro em 2009, a surpreendente atualidade dos temas apresentados em *Capitães da Areia*. O assunto e as questões sociais que ele explora em profundidade são ainda visivelmente encontrados em muitas cidades do Brasil contemporaneamente.

Não entendemos a pobreza, denunciada por Jorge Amado como propulsora para as ações dos Capitães da Areia, como sinônima de violência ou de ocorrência de ilícitos; porém acreditamos que ela (a pobreza) pode aumentar o risco de envolvimento com ações violentas.

O autor, em 1937, ao publicar *Capitães da Areia*, retrata as desigualdades de classes sociais, naturalizadas pelos interesses da própria organização da sociedade, que ainda hoje marginaliza e discrimina crianças e adolescentes de determinados estratos. Pior que isso, essa mesma organização social, apesar de ter instituído leis que deveriam proteger a infância e adolescência, continua a culpabilizar os sujeitos, no caso crianças e adolescentes, pela situação marginal em que a própria sociedade os enquadrrou.

Conforme aponta Duarte (1996), as crianças e adolescentes marginalizados deixaram, na atualidade, o *status* de bandidos para serem chamados de infratores, de excluídos, mas a culpabilização ainda continua, embora com outra denominação.

Poderíamos trazer inúmeros outros enunciados que demonstram a convergência da riquíssima obra romanesca de Jorge Amado com o contexto social de sua produção. No entanto, pela própria especificidade do proposto neste artigo, cremos ter marcado o contexto de produção de enunciados que ressoam nas produções posteriores, inclusive nas leis, e que representam determinados anseios, muitas vezes implícitos, mas certamente construídos historicamente, intencional e ideologicamente.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. 17. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- _____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Forense, 1981.
- BRASIL. Código de Menores de 1927. Disponível em: <<http://www.promenino.org.br>>. Acesso em: 15 fev. 2011.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- _____. Jorge Amado, exílio e literatura. *Revista Aletria*, 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1315/1411>>. Acesso em: 13 mai. 2013.
- FALEIROS, Vicente de Paula. Infância e Processo Político no Brasil. In: RIZZINI, Irene; PILLOTTI, Francisco (Orgs.). *A Arte de Governar Crianças*. A história das Políticas Sociais, da Legislação e da Assistência à Infância no Brasil. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 33-96.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Formação inicial de professores: a escrita como aliada da prática formativa e como indicadora dos sentidos do trabalho docente. *Póiesis Pedagógica* - v. 9. jan./jun. p. 20-34, 2011.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *História Social da Criança Abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MIRANDA, Humberto da Silva. *Meninos, Moleques, Menores...* Faces da Infância no Recife 1927 - 1937. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional). Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Recife – PE, 2008.
- OLIVEIRA, Salet Magda. *A Moral Reformadora e a Prisão de Mentalidades: Adolescentes Sob o Discurso Penalizador*. São Paulo: Perspectiva. Vol. 13 nº. 4. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-91999000400008&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 jun. 2011.
- PONTES, Matheus de Mesquita e. Jorge Amado e a Literatura de Combate: da literatura engajada à literatura militante de partido. *Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG - Inhumas* – REVELLI. Volume 1, número 2, outubro de 2009. Disponível em: <<http://www.ueginhumas.com/revelli/revelli2/index.html>>. Acesso em: 13 mai. 2013.
- RIZZINI, Irene. Crianças e Menores: do Pátrio Poder ao Pátrio Dever. Um Histórico da Legislação para a Infância no Brasil. In: RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (Orgs.). *A Arte de Governar Crianças: a História das Políticas Sociais, da Legislação e da Assistência à Infância no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 97-149.

SOBRE AS AUTORAS

Marcia Cossetin é graduada em Pedagogia, tem especialização em História da Educação Brasileira e em Gestão e Docência na Educação a Distância, e é Mestre em Educação, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Atualmente atua como docente colaboradora do Curso de Pedagogia

dessa universidade e é Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

E-mail: marciacossetin@yahoo.com.br

Ivete Janice de Oliveira Brotto é graduada em Letras pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Atua no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação.

E-mail: ibrotto@hotmail.com

Recebido em 08 de julho de 2014 e aceito em 13 de abril de 2015.